

REPUBLICANISMO, ADESIÃO, OPOSICIONISMO (OU SEBASTIANISMO?) À ÉPOCA DA FORMAÇÃO DA REPÚBLICA: UM BREVE ESTUDO DE CASO NA CIDADE DO RIO GRANDE

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

À formação da República no Brasil seguiu-se uma etapa histórica de certa desorientação político-ideológica, em que os grupos que disputavam o poder debatiam o modelo ideal para a consolidação da nova forma de governo. No Rio Grande do Sul, estas disputas foram ainda mais acirradas, chegando-se do debate partidário à deflagração de uma guerra civil. Nesse contexto, várias tendências do republicanismo digladiavam-se entre si, ao lado de alguns tênues resquícios monarquistas. O objetivo deste trabalho é realizar um breve estudo de caso, analisando estas vertentes no prisma de um jornal da cidade do Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: transição Monarquia-República, história, política, ideologia, cidade do Rio Grande.

O 15 de Novembro de 1889 acabaria por transformar-se num momento de inflexão da formação histórica brasileira. Este episódio foi encarado sob diversos prismas, desde como uma revolução, um golpe de Estado, uma parada militar, entre tantas outras, diante de uma população quase estupefata, na tão repetida asserção lapidar de Aristides Lobo, ao referir-se aos bestializados da República. A mudança na forma de governo, entretanto, não teria a harmonia como marca de sua consolidação, uma vez que foram vários os embates travados no sentido de definir-se que modelo deveria ser o empregado para implementar a República. Dentre as tendências que buscaram moldar à sua aparência e modo de pensar o novo “regime” estiveram os liberais, os jacobinos e os positivistas, opondo-se ainda a estes alguns resquícios monarquistas, que ficariam conhecidos pela pecha de sebastianistas.

Na conjuntura brasileira, prevaleceria o modelo liberal, com o deslocamento regional do poder em direção à oligarquia cafeeira paulista, entretanto a consolidação republicana se daria sob o regime de força típico dos primeiros governantes militares. Desde a ditadura de Deodoro,

posteriormente eleito indiretamente para seu governo constitucional, rompido pelo golpe de Estado perpetrado pelo primeiro presidente e seguindo-se na administração de Floriano Peixoto, que governou sob estado de exceção, no embate para com os focos revolucionários, prevaleceram as práticas autoritárias em nome da salvação das instituições estabelecidas a 15 de Novembro. O autoritarismo governamental, aliado às disputas pelo poder, despertaria forte oposição aos marechais-presidentes, a qual se manifestaria por meio da imprensa, no parlamento e, no caso extremo, por meio das armas.

No Rio Grande do Sul, o modelo que viria a tornar-se predominante seria embasado nas idéias de Augusto Comte, levadas em frente por aquele que se tornaria a principal liderança republicana gaúcha – Júlio de Castilhos. Esse chefe político adaptaria as idéias positivistas ao contexto sul-rio-grandense, constituindo um verdadeiro novo regime – o castilhista – cujo principal intento era garantir a permanência dos sectários de Castilhos no poder. Desse modo, no caso rio-grandense, o autoritarismo foi ainda mais acirrado, somando-se ao exclusivismo partidário e personalista, quer seja, para participar do poder, havia a necessidade de alinhamento incondicional às idéias e à figura do líder máximo do republicanismo gaúcho. Essas atitudes levariam à formação de uma ferrenha oposição, alijada do poder, formada por antigos liberais e conservadores, além dos dissidentes republicanos.

Essa verdadeira confusão ideológica¹ entre os diferentes e divergentes grupos partidários² em ação caracterizou a fundação da República Brasileira, chegando-se ao extremo da guerra, com a deflagração da Revolta da Armada e da Revolução Federalista³. Nesse quadro, a imprensa teria um papel essencial na divulgação das idéias dos divergentes grupos nos confrontos político-partidários e/ou bélicos⁴. A imprensa da cidade do Rio Grande, uma das mais importantes na conjuntura sul-rio-grandense da época, também refletiria as discordâncias que marcaram a vida política brasileira e gaúcha de então. Nos quadros da imprensa rio-grandina, uma das folhas que

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 42.

² CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 24-27.

³ A respeito deste contexto histórico, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista: história & historiografia*. Rio Grande: FURG, 2002.

⁴ RÜDIGER, Francisco Ricardo. A imprensa: fonte e agente da Revolução de 1893. In: SEMINÁRIO FONTES PARA A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1893. *Anais...* Bagé: URCAMP, 1983. p. 26-35; RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 41-53.

abordou alguns dos acontecimentos imediatos aos fatos que marcaram a transição Monarquia–República foi o semanário caricato *Bisturi*, que, criado em 1888, transmitiu sua versão para esse processo histórico, passando de uma etapa inicial de adesão à nova forma de governo, para, em seguida, decepcionar-se com as formas com que a mesma vinha sendo implementada, vindo a manter forte resistência e oposição aos primeiros governantes republicanos, na esfera federal e estadual.

A 1º de abril de 1888, aparecia o mais bem-elaborado periódico caricato rio-grandino, o *Bisturi*⁵, que se definia como uma folha satírica e humorística, publicando caricaturas, alegorias e outros desenhos da atualidade, poesias e artigos cômicos, sátiras e críticas à política, artes e literatura, além de outros assuntos de ocasião e retratos de personagens célebres. Thádeo Alves do Amorim, o fundador-proprietário do jornal, apesar das inúmeras e constantes adversidades conseguiu manter, nos diversos periódicos a que esteve ligado, seus textos e desenhos ricos em crítica e ironia, e o *Bisturi* foi o ápice de sua carreira, a qual já passara por caricatos rio-grandinos anteriores, como *O Amolador*, *O Diabrete* e o *Marui*. Com tipografia própria, a folha caricata mantinha a tradição dos periódicos daquele gênero, sendo um semanário de oito páginas, quatro dedicadas aos desenhos. O custo de sua assinatura era de 12\$000 (ano) e 1\$000 (mês), e a partir de agosto de 1892, 16\$000 (ano) e 4\$000 (mês).

Na sua primeira edição, o *Bisturi* divulgava o seu “Programa”, afirmando que o labor da imprensa fora sempre o alvo de suas aspirações no meio do burburinho da vida social, de modo que se apresentava ante a população civilizada da nobre cidade do Rio Grande, tendo muita confiança de que a sua visita não seria repudiada, uma vez que seriam guardados os princípios determinados pela urbanidade, ainda quando fosse mister ser um pouco pungente na luta de coerção aos desvios que por vezes envergonhavam a sociedade. Dizia ainda que se empenharia na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, de todos os vícios, enfim, sem que se lhe notassem as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social, esperando que ali ficasse lavrada a profissão solene de sua fé jornalística.

Ainda que também levasse a suas páginas as críticas social e de costumes, de acordo com a sua proposta de moralizar a sociedade e

⁵ Abordagem acerca do jornal elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 219-243; ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 407-465.

corrigir os “vícios” sociais, foi na abordagem política que o *Bisturi* concentrou o seu conteúdo e direcionou o seu comportamento editorial. O periódico não se limitou a notificar e emitir opiniões apenas sobre os assuntos locais, enfocando também as questões mais complexas da situação política nacional e regional. Com posturas políticas bem demarcadas, o semanário transmitiu, por meio de seus textos e desenhos, um universo de reações ao processo de transição da Monarquia à República. Entretanto, ao contrário de seus antecessores no jornalismo caricato rio-grandino, que se dedicaram à crítica política sem vinculação partidária, o *Bisturi* adotou uma posição político-partidária bem definida de aproximação com as práticas e o pensamento do Partido Liberal, mais especificamente ao liberalismo gasparista, mantendo essa convicção ao longo de toda a sua existência como folha de circulação regular.

Um dos momentos da formação brasileira retratado pelo *Bisturi* com admiração foi aquele ligado aos episódios de 15 de novembro de 1889. Nesse sentido, a Proclamação da República foi saudada com grande entusiasmo pelo semanário, o qual afirmava que, debaixo da grande impressão, o dia 15 de novembro marcara para a História do Brasil como a data da sua regeneração política e social, a folha que declarava fazer parte da unidade nacional saudava o sol desse dia, que iluminara o fato mais glorioso, mais sublime que a humanidade registrara no grande livro das hecatombes e conquistas sociais (24/11/1889). Esse espírito de adesão à nova forma de governo progressivamente se desvaneceria e iniciaria uma etapa de desilusão ante os destinos da República.

Os caminhos seguidos pelos governantes republicanos para promover a consolidação da nova forma de governo logo viriam a despertar a decepção de parte do *Bisturi*, que, ao final de 1890, já fazia as primeiras manifestações de desilusão quanto ao tipo de república que estaria sendo implantada no país. O jornal declarava que não conseguia encontrar na nova situação aqueles pressupostos que, logo após o 15 de Novembro, considerara fundamentais, ou seja, na sua concepção, a República que estava se formando não era aquela que a folha sonhara, de “igualdade e liberdade” e de “amor e felicidade”, enfim, aquela não seria a “verdadeira república”. Um dos elementos marcantes da recente conjuntura política nacional que mais diretamente despertava o desencanto do periódico era o autoritarismo dos governantes em nome da defesa das instituições republicanas.

Desse modo, a postura do *Bisturi* era fruto da desilusão com as atitudes dos governos republicanos, que resultaram em constantes estados de exceção, os quais, por inúmeras vezes, propiciaram à folha

uma comparação com os tempos da Monarquia, louvando as garantias e liberdades individuais daquele período. As críticas à República eram então fervorosas, como ao questionar exclamativamente: Quem não tem horror a esta república execranda, onde o crime impera, o jogo alastra, a prostituição se alarga, a gatunice se desenvolve e a miséria estende-se por toda parte? Verberava ainda: Abaixo esta república nefanda, esta gente do poder e da abastança, que olha aos homens do labor com sombranceria e desprezo (12/2/1893). Essa decepção do hebdomadário também se manifestou na criação de imagens em torno da República, inicialmente representada por uma deusa vestida à romana e transformando-se pouco a pouco numa mulher abandonada, beirando a prostituição⁶.

Diante do acirramento das disputas políticas no Rio Grande do Sul, o *Bisturi* assumiu uma postura gasparista. Essa posição partidária, porém, não era fruto daquele momento, e sim manifestara-se desde o ano da criação do periódico, com a aproximação deste com o ideário dos liberais. Um dos elementos que melhor traduz a posição liberal do semanário foi o entusiasmo de suas páginas para com o líder político Gaspar da Silveira Martins, manifestado em diversos momentos. Dessa forma, a ligação entre o jornal e o líder liberal permaneceu incólume, apesar das constantes transformações políticas por que passou o país. De acordo com essas convicções, o *Bisturi* adotou uma postura abertamente anticastilhistista, em que considerava tirânicas as atitudes de Júlio de Castilhos e que estas estariam levando o Rio Grande do Sul à destruição. O jornal não poupava duras críticas ao governante gaúcho, declarando que, na capital do Estado, o chefe supremo, qual marinheiro inábil, navegando em um batel apodrecido, nos mares de um oceano encapelado, tendo por piloto um estúpido, ignorante e mau, e por velas as folhas da “gloriosa Constituição”, andava desorientadamente, entregue aos caprichos bestiais do homem do governo, que parecia desejoso em reduzir a mísera “nau do estado” a fragmentos imprestáveis. Concluía com a exclamação: Triste condição a nossa! (8/11/1891).

Com a deflagração da Revolução Federalista, Júlio de Castilhos passou a ser alvo de críticas ainda mais ferrenhas através de artigos e arrojadas caricaturas, que se estendiam ao Presidente da República, Floriano Peixoto, tendo em vista o apoio deste às forças governistas no sul. Desse modo, o periódico denunciava que o Estado era vítima de tirania escandalosa amparada por um governo central mais tirano e, portanto, solidário de todos os atropelos, de todos os desmandos, de

⁶ ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. *Revista Comunicação & Política*, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 9, n. 3, p. 227-244, set.-dez. 2002.

todas as infâmias, de todos os abusos inqualificáveis que, segundo o jornal, eram cometidos no Rio Grande do Sul (4/6/1893). Ao mesmo tempo em que atacava Castilhos, o *Bisturi* enaltecia as lideranças federalistas. Assim, o semanário considerava que a Revolução de 1893 era uma brilhante realidade, que levaria o país à “verdadeira república”, uma vez que o exército libertador engrossava as suas fileiras dia a dia, surgindo de todos os recantos do Estado grupos de patriotas dispostos a afrontar impávidos e sombanceiros a resumida horda de selvagens que enxovalhavam os brios dos gaúchos. Dizia ainda o periódico que, de toda parte, os brados de indignação levantavam-se em frêmitos indomáveis, num quadro em que os brios rio-grandenses despeitavam para derrogar o castelo do despotismo representado na pessoa do trêfego bacharel Júlio de Castilhos. Concluía a folha apostando no triunfo da liberdade e com ela o triunfo da verdadeira república honesta, libérrima e democrática, a qual viria a ser uma realidade no Brasil (12/3/1893).

Dessa maneira, o *Bisturi*, apesar de todo o controle autoritário exercido sobre o Estado, conseguiu manter suas posições, mesclando ironia, convicção partidária e humor para satirizar os detentores do poder, em textos e caricaturas que, ao longo do período entre 1889 e 1893, levaram suas posições do entusiasmo à decepção. Para o periódico, os novos governantes não encaminhavam o país para a “verdadeira república”; estava a pátria agonizante e miseravelmente entregue a meia dúzia de homens sem talento, patriotismo e honestidade (7/2/1892), considerando-os, enfim, como os falsos devotos da República (10/4/1892).

De acordo com esses princípios, o periódico continuou a expressar suas opiniões durante o ano de 1893, apesar de um controle próximo das autoridades locais, sempre denunciado pela folha. Porém, o cerco apertava, até que, em julho daquele ano, Thádeo Amorim foi preso, ficando interrompida a circulação do jornal por alguns dias. Mesmo assim, o *Bisturi* voltou a ser publicado, divulgando suas idéias e convicções. Isso, no entanto, durou somente até o Decreto 1565, de 13/10/1893, que impôs restrições praticamente totais à liberdade de imprensa⁷. Essa última determinação do Governo Federal seria o divisor de águas para as práticas do *Bisturi*, pois, diante da nova legislação e das constantes ameaças, a abordagem das questões políticas foi abandonada, passando o jornal a dedicar-se quase exclusivamente, no último trimestre de 1893, à literatura, às atividades artísticas da cidade e

⁷ ALVES, Francisco das Neves. Legislação de imprensa no Brasil (1823-1923): um contraponto entre a Monarquia e a República. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba: SBPH, n. 15, p. 37-55, 1998.

até às credences populares.

Assim, ao longo de mais de cinco anos, o *Bisturi* dedicou suas páginas ao debate partidário e político, defendendo as idéias e práticas dos liberais gasparistas. Como folha oposicionista, atacou o gabinete conservador em seus últimos anos de existência, e como publicação situacionista, buscou dar apoio ao governo liberal, durante o último ministério imperial. Com a mudança na forma de governo, nos primeiros meses o jornal dedicou-se a abraçar a causa republicana, porém logo viria a decepção ante o autoritarismo dos novos governantes e o semanário romperia com eles, colocando-se na oposição, em luta pela “verdadeira república”. Assumia, desse modo, a missão de combater os governos “tirânicos”, “ditatoriais” e “despóticos”, como se referia às práticas governativas de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, no âmbito federal, e Júlio de Castilhos, no estadual. Anticastilhista ferrenho, o hebdomadário rio-grandino sustentou essa posição até quando lhe foi possível, assumindo uma postura não só oposicionista, mas também de resistência ao castilhismo e em defesa dos federalistas e da Revolução. Nesse quadro, mesmo tendo de silenciar seus pronunciamentos políticos, já nos estertores de sua existência, o periódico manteve, durante o tempo em que circulou regularmente, uma coerência discursiva quanto a suas convicções político-partidárias. Com a retirada da seiva editorial do *Bisturi*, a sua sobrevivência como folha de circulação regular não seria longa, permanecendo até 1893, embora ainda viesse a aparecer em alguns anos seguintes, mas de forma extremamente irregular, esporádica e escassa.

Uma análise mais açada a respeito das formações discursivas⁸ entabuladas pelo *Bisturi* poderia levar a certa confusão interpretativa, tendo em vista a sua mudança de um adesismo republicano até a colocação em postura abertamente oposicionista aos novos governantes. A chave para essa bipolarização de adesão a oposição está demarcada na clara distinção quanto à proposta de república a que o jornal aderiu e às modalidades pelas quais os detentores do poder implementaram a nova forma de governo, que resultariam em decepção, reação e antagonismo da parte do hebdomadário.

Essas interpretações realizadas a partir de leituras não tão profundas das linhas e entrelinhas do semanário acabariam por levar a conclusões pouco exatas, como a de Athos Damasceno Ferreira ao considerar que a postura adversária do *Bisturi* para com os governantes

⁸ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 43 e 66.

republicanos devia-se apenas à crítica pela crítica⁹. Dessa forma, Damasceno Ferreira atribui ao jornal uma mudança de posição diante da República, mas, em verdade, um estudo do periódico como um todo, ao longo de sua existência, e de suas relações com a conjuntura partidária do momento, permite afirmar que o jornal manteve uma coerência histórica com a postura liberal-gasparista, demarcada desde a sua criação. Nesse caso, as duas maneiras distintas de encarar a nova forma de governo – adesão e oposição – não se prenderam ao estilo da crítica pela crítica, ou de oposição permanente e automática à ordem estabelecida, como o autor tenta deixar transparecer, e sim, ao fato de que o hebdomadário caricato passou a entrar em desacordo com as estratégias adotadas para promover a consolidação republicana¹⁰.

Ainda que um típico representante da pequena imprensa, vinculado a um norte editorial e a uma formação discursiva de natureza paradoxal, marcados por crítica, ironia e bom-humor, o *Bisturi*, dentro de seus limites, chegou a conseguir granjear considerável público leitor e certa aceitação no seio da sociedade rio-grandina, chegando a ser considerado como um interessante periódico ilustrado que, dia a dia, cada vez ia se tornando mais digno das simpatias e do favor do público¹¹. Essa boa receptividade ao semanário caricato fica bem demarcada a partir de sua razoável durabilidade, ainda mais quando enquadrado no contexto da pequena imprensa. Nesse sentido, pode-se estabelecer a ilação de que o adesismo republicano transformado em oposicionismo aos chefes republicanos foi compreendido, ao menos em parte, pelo público leitor do *Bisturi*.

⁹ Neste sentido, a respeito do *Bisturi*, o citado autor afirma: Ao tempo da Coroa propendia para o Barrete Frágio. E, instaurado o novo regime, recebe-o de braços abertos. Transcorridos, porém, alguns meses do advento republicano, fecha a cara para a situação criada, de cujo ventre vê nascer uma geração de pulhas incapazes de dar ao Estado a fecunda forma de governo que todos esperavam. De modo que o redator transfere os badulaques para o setor dos *descontentes*, colocando suas armas a serviço de Gaspar da Silveira Martins. Teria feito precisamente o contrário, isto é, teria oferecido seus préstimos ao presidencialista Júlio de Castilhos, se este, e não o fogaço timoneiro do extinto Partido Liberal, se encontrasse na oposição. FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 190-191.

¹⁰ ALVES, Francisco das Neves. O *Bisturi*: imprensa oposicionista na cidade do Rio Grande (1888-1893). In: ALVES, F. N.; TORRES, L. H. (Orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1993. p. 56.

¹¹ ARTISTA. Rio Grande, 26 out. 1891, p. 2. Os elogios do jornal *Artista* ao *Bisturi* poderiam ser atribuídos a certa aproximação partidária entre ambos, entretanto esses elogios passariam a ser significativos se levada em conta a forma de tratamento dos representantes do jornalismo diário em relação à pequena imprensa, como foi o caso das críticas desse mesmo *Artista* ao *Marui*, outra folha caricata de responsabilidade do mesmo redator e proprietário do *Bisturi*.

Uma outra interpretação que poderia ser atribuída à conduta do *Bisturi* seria a da prática de um sebastianismo, ou seja, a imputação à folha de um caráter restaurador, desejando o retorno da forma de governo decaída¹². Nesse sentido, o semanário fez várias alusões aos tempos monárquicos, demonstrando certo saudosismo, mas muito mais relacionado a certos elementos constitutivos da época do Império do que realmente uma inspiração restauradora. O grande mote do *Bisturi* para relembrar a situação vigente durante a Monarquia eram as amplas possibilidades de exercício dos direitos individuais, mormente no transcorrer do II Reinado, um dos momentos de maiores garantias aos “direitos das gentes” da formação histórica brasileira. Nesse quadro, um dos maiores questionamentos da folha caricata concernia ao fato de que à época monárquica vigorava uma incontestável liberdade de expressão, característica que não perdurou nos primeiros anos da República – muito pelo contrário, constituiu este um dos períodos mais obscuros e autoritários da história da liberdade de imprensa no país. Essa liberdade era a seiva editorial do *Bisturi* e o seu redator sentiu na pele o cerceamento à livre expressão, chegando a ser perseguido e preso. Esse era um dos mais significativos fatores para que o jornal criticasse as lideranças republicanas e manifestasse saudade dos tempos do Império¹³.

Dessa forma, o saudosismo do *Bisturi* para com certos aspectos da época monárquica seria amplamente manifestado através da lembrança da família imperial, notadamente de dois de seus membros, o Imperador Pedro II e a Princesa Isabel. As referências à casa reinante no Brasil antes de 1889 se fizeram por ocasião de datas específicas, buscando o jornal demarcar “páginas de honra” alusivas a alguma efeméride. Uma destas datas celebradas era o 13 de Maio, uma das que mais granjeava popularidade à família imperial, e, por ocasião de mais um aniversário da Lei Áurea, o hebdomadário publicava alegoria em que a representação da Princesa Isabel concedia a emancipação a um escravo, numa visão da abolição bem peculiar àquela época, em que o ato era simbolizado pelo rompimento dos grilhões e pela ave que se liberta da gaiola, ao passo que o escravo aparecia numa posição inferior, ajoelhado e em verdadeira louvação à filha do Imperador¹⁴,

¹² Sobre os resquícios monarquistas no país, ver: JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹³ ALVES, Francisco das Neves. *Por uma imprensa livre: a luta dos jornais rio-grandinos contra o cerceamento à liberdade de expressão*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 37-118.

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. O ideal abolicionista através da imprensa: estudo de caso e uma inserção em um “modelo” latino-americano. In: MOREIRA, E. D. M. (Coord.). *Aspectos da escravidão na América Espanhola*. Porto Alegre: Associação dos Pós-

sobre a legenda: Viva o Brasil! Viva a liberdade! (14/5/1893). Fica subentendido que o periódico enaltecia a liberdade dos escravos, mas, indiretamente, fazia alusão à necessidade de liberdade naqueles áspers e autoritários tempos da nova forma de governo (Figura 1).

A Princesa Isabel seria também lembrada pelo *Bisturi* por ocasião de seu aniversário natalício. No desenho, aparecia, pairando no céu, a efígie da princesa, sobre o sol em alvorecer que marcava a data de 29 de julho. No chão, em meio à exuberante natureza brasileira, um indígena, tradicional representação do país e de seu povo, oferecia à princesa um buquê de flores (31/7/1892). A legenda naquela página de honra era também de exaltação: Homenagem do *Bisturi* ao faustoso aniversário natalício da nobilíssima Princesa D. Isabel (Figura 2). Já o Imperador também era lembrado com saudade pelo jornal rio-grandino, notadamente por ocasião de sua morte. Desse modo, o *Bisturi* (6/12/1891) publicou em sua primeira página uma alegoria a Pedro II, na qual aparecia paisagem com o féretro e um indígena que, mais uma vez simbolizando os brasileiros, cabisbaixo e pensativo, velava a imagem do ex-governante brasileiro¹⁵. A legenda da página de honra era cheia de comoção: Homenagem de luto e dor prestada pelo *Bisturi* ao grande Pedro de Alcântara, ao amigo da humanidade a bondade e a força, a glória da nossa pátria e do nosso século!... (Figura 3). Na edição de um ano depois (3/12/1893), o caricato rio-grandino prestava mais uma homenagem ao Imperador, novamente por meio da figura do indígena, que, outra vez triste e pensativo, em veneração, depositava coroa diante do retrato do ex-governante brasileiro, aparecendo por legenda: No aniversário da morte de Pedro II, depositamos a nossa coroa de

Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995. p. 101.

¹⁵ A respeito da alegoria fúnebre publicada no *Bisturi*, o periódico diário rio-grandino *Artista* publicaria o seguinte comentário: Foi distribuído o semanário ilustrado *Bisturi* que se publica nesta cidade. Impresso em excelente papel, a sua página de honra consagra uma inspirada homenagem de saudade à memória do Sr. D. Pedro de Alcântara, ex-Imperador do Brasil. A alegoria imaginosa acha-se assim concebida: No alto do quadro destaca-se em meio vulto o retrato do venerando cidadão, trabalho correto e fiel que o reproduziu tal como o apresentam as últimas fotografias. A figura do tempo, colocada sobre a parte superior e ao lado, suspende uma cortina, apresentando o finado perante o panteão da posteridade. Na parte superior e no primeiro plano, ereto, próximo a uma palmeira, vê-se um índio representando a pátria, segurando na destra uma coroa com a seguinte inscrição – Homenagem do Brasil. O segundo plano apresenta os funerais realizados em França, seguindo o féretro ornado de coroas, precedido de grande cortejo de povo. É como se vê uma idéia delicada, bem concebida, a homenagem prestada pelo *Bisturi* à memória do ilustre brasileiro a quem a pátria ainda rende neste momento o tributo de respeito e apreço de que o tornaram credor as suas altas virtudes e o seu incontestável patriotismo. Ao público recomendamos o último número do *Bisturi*. ARTISTA. Rio Grande, 16.dez.1891. p. 2.

lágrimas sobre a sua sepultura (Figura 4).

Essas manifestações do *Bisturi*, a um olhar desavisado ou a um pesquisador iniciante, poderiam parecer claro sinal de sebastianismo, de modo que a folha caricata estaria a marchar ao lado de outras publicações como o jornal rio-grandino *Actualidade*, que propugnava a restauração monárquica. Entretanto, essas inserções estão bem localizadas no conjunto da formação discursiva do periódico, cujo posicionamento político-partidário voltado ao liberalismo-gasparista e em oposição ao deodorismo, ao florianismo e, principalmente, ao castilhismo, já estava bem plasmado, de modo que elas acabavam por traduzir um saudosismo em relação a fatores considerados positivos no “regime monárquico”, mormente os direitos individuais e, entre eles, a ampla liberdade de expressão.

Para os detentores do poder, que tanto perseguiram as folhas independentes e oposicionistas, aquele era mais um motivo para vigiar de perto o redator do *Bisturi*, uma vez que pretendiam eliminar todos os resquícios que lembrassem os tempos imperiais, em nome da afirmação de um espírito republicano, mesmo que essa consolidação se desse à força e de maneira extremamente impopular, imposta de cima para baixo. Além disso, os governantes julgavam-se como os únicos autenticamente abalizados para defender a causa republicana, de modo que qualquer manifestação contra suas ações passava a contar com a pecha de sebastianista. Na contramão da intenção desses poderosos, o hebdomadário rio-grandino contribuía para manter viva entre os leitores a memória da família imperial e das características positivas do II Reinado. Seguindo esta seara, o *Bisturi* dava mais uma prova da coragem de seu norte editorial, enfrentando, ao menos enquanto pôde, a perseguição e a opressão governamental, portanto constituiu-se numa das poucas folhas gaúchas que, diante do autoritarismo, colocou-se em aberta postura de oposição e resistência.









